



MULHERES CIBERATIVISTAS E PRÁTICAS EM REDE

Aline Debossan Velozo (PPGE/UFMT) – alinevelozo.mt@gmail.com¹
Terezinha Fernandes (PPGE/UFMT) – terezinha.ufmt@gmail.com²

GT 2 – EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Resumo:

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no contexto da pesquisa *Ciberativismo Por e Para Mulheres: Multiletramentos Emergentes no Isolamento Social* em fase inicial de desenvolvimento no Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na linha de Organização Escolar, Formação e Práticas Pedagógicas, no âmbito do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LêTECE). Tem-se por objetivo, com tal pesquisa, compreender como a atuação de mulheres ativistas, que passaram a integrar o ciberespaço a partir da condição de isolamento social, se constitui como propositora de práticas que mobilizam multiletramentos críticos. O presente relato de experiência foi desenvolvido, portanto, a partir das orientações da etnografia na cibercultura, com o acompanhamento do grupo ciberativista “Mulheres em Rede”, iniciado durante a pandemia COVID-19, cujas práticas sociais foram assistidas de forma síncrona e assíncrona, período de 01 a 30 de setembro de 2022, buscando a relação entre educação, feminismo, uso de tecnologias digitais em rede (TDR) e multiletramentos críticos. Os resultados revelam que as mulheres participantes do grupo, praticam o ciberativismo, ainda que não se utilizem do termo, formando espaços para ativismos em prol de lutas sociais e do empoderamento de mulheres.

Palavras-chave: Cibercultura. Ciberfeminismo. Tecnologias digitais em rede. Etnografia na cibercultura. Multiletramentos.

1 Considerações Iniciais

A reorganização das interações humanas em experiências virtuais, durante o isolamento social implicado pela pandemia COVID-19, fez crescer consideravelmente o uso das tecnologias digitais em rede (TDR) em múltiplas esferas da vida cotidiana, ampliando a experiência e a interação de comunidades e grupos diversos, dentre eles, os

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Bolsista CAPES. Especialista em Projetos e Práticas Educativas. Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LêTECE).

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com doutoramento sanduíche na Universidade Aberta de Portugal (UAb). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMT), Membro dos grupos de pesquisa LêTECE/UFMT e GPDOC/UFRRJ.

formados por e para mulheres. Para compreender, nesse contexto, como a atuação de mulheres feministas que passaram a integrar o ciberespaço se constitui como prática educativa mobilizadora de multiletramentos críticos, realizamos o acompanhamento das práticas sociais do grupo ciberativista “Mulheres em Rede”, no período de 01 a 30 de setembro de 2021, buscando as relações entre educação, feminismo, uso de tecnologias digitais em rede (TDR) e multiletramentos críticos.

No contexto da etnografia na cibercultura, foi realizada a descrição da identificação do grupo com os seguintes dados e pontos observáveis: nome do grupo, temática, organizadora, data de realização, tecnologias mediadoras, quantidade de participantes ou visualizações, perfil das participantes e sinopse dos conteúdos. Para a fundamentação teórica utilizou-se a pesquisa bibliográfica, “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32).

2 Mulheres em Rede

O grupo “Mulheres em Rede” iniciou suas atividades durante o período de isolamento social do ano de 2021, movido pela intenção de inspirar mudanças positivas e empoderar mulheres frente às adversidades dos tempos pandêmicos. O grupo é organizado pela professora Silvia Trevisan e pela edu-comunicadora Marcela Moreira e realiza encontros modulares. O módulo acompanhado ocorreu por meio de 04 encontros nos dias 01, 08, 15 e 22 de setembro de 2021, utilizando como tecnologia mediadora a videoconferência por meio da plataforma *Google Meet*.

O grupo possui 65 participantes que se identificam como mulheres, sendo 50% delas residentes do estado de Mato Grosso, 25% no estado de São Paulo, e as outras 25% nos estados do Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina. Os encontros acompanhados tiveram em média 20 participantes cada e houve disponibilização de gravação para ser assistida em momento assíncrono, acompanhada de material digital para leitura. O módulo foi organizado em quatro temas de interesse do grupo: Inteligência Emocional, Síndrome da Impostora, Autocuidado e Mapa dos Sonhos.

3 Ciberativismo

Segundo bell hooks (2019), é importante que a educação feminista seja constituída numa percepção crítica sobre a realidade social para a construção de ações transformadoras. As práticas ciberativistas mobilizadoras de multiletramentos críticos mapeadas no presente trabalho, suscitam a educação como algo que se faz junto e que implica o ato em que todos tomam posse do conhecimento. Nos tempos atuais, a concepção de ciberativismo praticado por mulheres permite unir a força do feminismo como possibilidade de alcançar “o empoderamento” necessário para mudar as estruturas profundas do patriarcado e conseguir assim um mundo mais justo e igualitário (FERREIRA; LIMA, 2020, p. 17).

Investigar os ciberativismos em tempos de COVID-19, no cenário brasileiro permanece uma urgência, dadas as incertezas que o atual contexto político-social abarca, bem como o potencial crítico-transformador da atuação feminista em rede, seja ela de afetos, de colaboração, de ativismos, de ciberativismos, posto que as lutas das mulheres que os propõem são sempre coletivas.

4 Resultados e Discussões

Citando Fernandes, Santos e York (2021):

É com/na internet que os ativismos e as autorias de mulheres ciberfeministas têm contribuído para o debate de pautas importantes, desde as denúncias e evidenciação de históricos de opressões e violências contra mulheres até questões da atualidade. (...) Com o crescimento do ciberespaço e das redes sociais, o ciberfeminismo se abriu à pluralidade de ativismos, autorias e debates de mulheres e seus coletivos, tornando-se plural: ciberfeminismo(s) (FERNANDES; SANTOS, 2021, On-line, s.p).

Para Fernandes, Cruz e Santos (2020) no contexto da cibercultura, os multiletramentos são práticas sociais, nas quais os sujeitos que as praticam podem atuar como protagonistas críticos diante dos discursos e das narrativas produzidas socialmente. Nas práticas do grupo “Mulheres em Rede”, os multiletramentos surgem como conhecimentos que resultam dos modos como as mulheres do grupo se relacionam com seus contextos e discursos produzidos e com as relações estabelecidas. Foi possível compreender que as mulheres participantes do grupo “Mulheres em Rede”,

praticam o ciberativismo, ainda que não se utilizem do termo, formando em seus encontros, espaços para ativismos em prol de lutas sociais e do empoderamento de mulheres.

As práticas sociais do grupo, relacionadas com a cultura e o discurso, possibilitam também a reflexão sobre o silenciamento das mulheres, criando acesso à experiência dialógica, ampliando os lugares de fala e construindo novas representações de si mesmas e dos ambientes nos quais produzem e interagem. Nessa perspectiva, as proposições do grupo acompanhado no presente estudo, chamam atenção para o poder transformador das práticas que mobilizam multiletramentos críticos em meios externos à escola ou à universidade, incluindo-se a participação no ciberespaço.

Referências

FERREIRA, G. V. P., & LIMA, J. V. R. B. da C. (2020). **Ciberfeminismo: feministas tecem uma nova rede**. *Diversitas Journal*. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i3-1209> Acesso em 05 de junho de 2021

FERNANDES, Terezinha. SANTOS, Edméa. **Ciberfeminismo em Redes Sociais, Lugar de Fala e Multiletramentos Críticos**. In: Encontro Virtual da ABCiber, 1, 2020. Disponível em: <http://abciber.org.br/simposios>. Acesso em: 04 de junho de 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Terezinha; YORK, Sara Wagner. **Ciberfeminismos e expressões contemporâneas: pluralidade de vozes e ativismos**. *Revista Horizontes*. 2021, online. Disponível em <http://horizontes.sbc.org.br/> Acesso em 05 de junho de 2021.